

Economia

► Gestão

Fórum debate caráter do mercado de trabalho

Especialistas reunidos em evento na Pucrs discutem estratégias a serem adotadas por empresas e profissionais

Luana Fuentefria

luana@jornaldocomercio.com.br

Um novo mercado de trabalho se configura com a exigência de mais empreendedorismo, criatividade e sustentabilidade. Porém os responsáveis por esse novo desenho, os jovens, não podem descuidar da preparação para o que eles mesmos ajudaram a moldar. Com o propósito de preparar e aconselhar o futuro das empresas e organizações, empreendedores do País falaram ontem ao público do Fórum Youth to Business, promovido pela Aiesec e pela Federação das Associações de Jovens Empreendedores do Rio Grande do Sul (Fajers) na Pucrs. Importantes nomes de empresas e organizações do Brasil tratam, até hoje, de áreas como Recursos Humanos, Coach e Gestão de Carreira e Empreendedorismos Social e Sustentável.

O fundador do Instituto Coaching Aplicado (ICA), Alexandre Prates, afirma que o País está diante de uma reinvenção do profissional, cujo foco são as chamadas relações de trabalho inteligentes, em que

o jovem quer ensinar e aprender no ambiente de trabalho, além de ter maior flexibilidade no tratamento. Para prosperar nessa nova perspectiva, no entanto, empresas e, principalmente, os profissionais devem amadurecer. Conforme Prates, a necessidade de cumprir horários é substituída por mais responsabilidade e mais visão de resultados. "Ele precisa ter a compreensão de que trabalho e resultado são coisas diferentes, porque não vai ser cobrado pelo tempo, mas pela produção final", sentencia.

Prates projeta que a cada dia será menos necessária a educação formal. "Quero ouvir que ele pode garantir o resultado que eu preciso", afirma. A empresa que não tiver essa ambição, por outro lado, pode se preparar para perder bom capital humano. Isso porque fazer a diferença na



Lacerda diz que experiências de vida ajudam na formação

organização e trabalhar por prazer, conforme o fundador do Comitê de Democratização da Informática (CDI), Rodrigo Baggio, é ideia sem volta. "Eles não estão desejando

agregar valor para o acionista, mas ter um trabalho que signifique algo para o mundo", afirma. Baggio vê com bons olhos a formação de redes virtuais para esse propósito.

O sócio do Grupo Meta Wesley Lacerda avalia, no entanto, que a garantia de um mercado promissor pode ser extinta à medida que o jovem se descola da vida real, transferindo inclusive as relações pessoais para o virtual. "Isso leva a um problema: o jovem perde o conhecimento e a segurança do saber fazer", analisa.

Lacerda é incisivo quanto ao futuro do País nas mãos da nova geração: a não recuperação da formação humanista deve resultar em uma espécie de colonialismo intelectual. Segundo Lacerda, além da educação básica, são as experiências na vida prática, com conhecimentos simples e rotineiros, que devem constituir a formação do ser humano.